

As imagens náuticas na poesia amorosa e na poesia de exílio de Ovídio: a propósito dos *Amores* e dos *Tristia*

DINA MARIA BAPTISTA ABREU
Universidade de Aveiro / Praxis XXI

Abstract: Though chronologically and thematically distant, Ovid's *Amores* and *Tristia* share a similar poetic quality due largely to the use of nautical imagery. The vessel, the tempest and the winds are some of the images that reflect the mood and life experience of a poet who made poetry his main company.

Keywords: Ovid; elegy; nautical imagery; Latin Literature; *Amores*; *Tristia*.

Se acaso existe alguém que a dor não saiba ultrapassar e que do amor nada conheça, então jamais compreenderá a força da poesia ovidiana, onde dor e prazer, ausência e presença se enlaçam com uma habilidade poética que faz despontar da poesia uma verdadeira força consoladora.

Confessa Ovídio em *Tristia* 4.10.103-108:

*Indignata malis mens est succumbere seque
Praestitit inuictam uiribus usa suis;
Oblitusque mei ductaeque per otia uitae
Insolita cepi temporis arma manu
Totque tuli terra casus pelagoque quot inter
Occultum stellae conspicuumque polum.*

*A minha mente recusou-se a sucumbir aos males
E elevou-se invencível empregando as suas forças;
E esquecendo-me de mim próprio e da vida levada pelos ócios
Tomei com mãos desacostumadas a força do tempo
E afrontei tantos perigos, pela terra e pelo mar
Como estrelas há entre o firmamento visível e invisível.*

Estes versos autobiográficos, extraídos dos *Tristia*¹, colocam-nos perante a vivência sofredora, mas resistente de um poeta que, enfrentando

¹ Os *Tristia* são compostos por 5 livros, tendo sido o primeiro elaborado durante a viagem para Tomos (1.11.1-2), continuando a composição dos restantes já em Tomos até à Primavera de 12 d.C. (5.3 / 5.5 / 5.10).

vários perigos, se vira obrigado a empreender uma longa viagem por mar desde Roma até Tomos (lugar onde ficara exilado por ordem de Augusto) conhecendo nesta travessia as adversidades dos ventos, das ondas e das tempestades que o conduziram a uma terra bárbara e de inóspitos litorais,² e que não era senão outra forma do mar adverso (...*et in terra est altera forma maris. Pon. 3.78*)

Contudo, se inóspitos foram os litorais que conduziram Ovídio até Tomos, não menos tempestivas e dolorosas foram as águas amorosas que a sua frágil nau tivera de enfrentar ao longo da vida. Assim sendo, norteado o seu ânimo pelo amor e pelo verídico ou ilusório exílio³, pensamos que os versos supracitados não se referem apenas aos perigos físicos, que a viagem impusera a Ovídio, mas se estendem aos *dolores amoris* e aos *dolores exilii* que povoam a sua produção poética.

No amor sofreu os embaraços a que o submeteu Cupido, quando lhe atirou as setas do amor e o arrastou para a rápida corrente amorosa, como se fosse uma nave sem resistência, sujeita aos ventos e às ondas:

*Nam desunt uires ad me mihi iusque regendum;
Auferor ut rapida concita puppis aqua. (Am. 2.4.7-8)*

No exílio padeceu as agonias que o castigo imposto por Augusto lhe provocou, e, afastado da sua pátria, da sua esposa e dos seus amigos, viu-se como um barco perdido no alto mar que, precipitado pelas inimigas tempestades e pelas frias águas, não fora capaz de encontrar um porto seguro e tranquilo:

*Frigida me cohibent Euxini litora Ponti:
Dictus ab antiquis Axenus ille fuit;
Nam neque iactantur moderatis aequora uentis
Nec placidos portus hospita nauis adit. (Tr. 4.4.55-58)*

Sentimentos íntimos, relacionados com o sofrimento, e realidades físicas, nomeadamente a nave, os ventos, o porto e as ondas turbulentas

² Tomos é caracterizada como uma terra *deformia, inhospita, ferra litora, dira regio, barbara tellus* (Tr. 5.2.63 / Tr. 3.11.7 / Tr. 1.2.83 / Tr. 3.3.5), uma terra bárbara em nada humana (Tr. 3.92; 10.4) e demasiado longínqua.

³ Existem actualmente algumas reticências relativamente à veracidade ou não da viagem e do exílio ovidiano. Cf. A. D. F. Brown, "The unreality of Ovid's Tomitan exile", *Liverpool Classical Monthly* 10 (1985) 18-22.

cruzam-se, quer quando Ovídio fala das dores do amor, quer quando se refere às dores provocadas pelo exílio. E curiosamente as imagens poéticas são as mesmas para exprimir sentimentos que, afastando-se na sua essência, pertencem a duas produções poéticas cronologicamente distantes, já que os *Amores* correspondem à fase de Juventude e os *Tristia* a uma fase posterior, de adulto e de maior maturidade poética.

Num olhar atento sobre todas as obras ovidianas verificamos que as mesmas imagens estão sempre presentes de uma forma mais ou menos explícita. Todavia debruçaremos a nossa atenção apenas sobre as obras supracitadas, duas obras cronológica e tematicamente afastadas, mas cuja riqueza poética assenta nas mesmas imagens poéticas que, sendo características do género elegíaco⁴, se apresentam na obra ovidiana como “Vehículo de expresión ideal de todas las reflexiones que Ovidio se hace acerca del quehacer poético”⁵ e simultaneamente constituem um referente facilmente perceptível pelo leitor. No presente estudo centraremos a nossa atenção apenas sobre as imagens náuticas e mais concretamente sobre a imagem da nau que, não sendo uma novidade de Ovídio, foi por ele tratada de uma forma muito peculiar e enriquecedora.

Já nas epopeias homéricas e virgilianas encontrou Ovídio certamente inspiração para no contexto amoroso comparar os membros da sua amada, já sem vida, às copas dos álamos e às flexíveis canas que estremecem com o suave Zéfiro (*Am.* 1.7.53-54)⁶. E em Horácio descobriu também Ovídio sugestivas imagens para fazer transparecer a sua própria personalidade, muitas vezes desnorteada e insegura. Na Ode 1.14 de Horácio o Estado é representado através de uma nau que sem remos nem efigies divinas se desorienta no meio da tempestade e procura ansiosamente um porto seguro; em Ovídio a nau surgirá como a imagem do poeta que, guiado por sentimentos por vezes contraditórios, se encontra também à deriva numa tentativa de alcançar um porto que, não sendo certamente o mais seguro, será o único possível.

Mas a nau ovidiana, associada à própria vivência e sentimentos do poeta, faz-nos em vários momentos de igual modo memorar *Os Sete Contra*

⁴ Cf. J.P. Boucher, *Le style élégiaque en l'élegie romaine* (Paris 1980) 203 e sgg.

⁵ José González Vázquez, “La creación poética en las elegías ovidianas del destierro: su expresión a través de las imágenes”, *Florentina lliberritana* 1 (1990) 163.

⁶ Cf. M^a Consuelo Álvarez / Rosa M^a Iglesias, “Amor y pasión en los Fastos de Ovidio: formas de expresión”, *Florentina lliberritana* 9 (1998) 29.

Tebas de Ésquilo, cuja nau, comandada por Etéocles, personagem totalmente envolvida pelo processo trágico, é a representante da casa de Laio e da sua descendência maldita e depois, por extensão, se torna também na representante de toda a cidade de Tebas.

Não faz Ésquilo uma associação directa entre a nau e a cidade de Tebas, pois tal alusão está implícita na expressão *περὶ πρύμνα πόλεως* 'proa da cidade'. Porém o quadro marítimo que esboça e a referência à proa levou mesmo Maria do Céu Zambujo Fialho a traduzir o vocábulo *πόλεως* por 'nau'.

Assim exclama o coro, o representante da cidade nos versos 758--765:

*Qual mar de desgraças que arremessa as suas
ondas — uma se abate e logo outra se ergue, três
vezes mais temerosa, a escumar, sonora, à volta
da popa desta nau . E entre nós e elas estende-se
a muralha como protecção, na sua frágil espessura.
Receio que com os seus reis, a cidade seja aniquilada.*⁷

E a descrição da cidade ou da nau que é arrebatada por uma forte tempestade é-nos familiar em algumas passagens dos *Tristia* 1.2:

*Di maris et caeli — quid enim nisi uota supersunt? —
Soluere quassatae parcite membra ratis!* (vv. 1-2)

*Ipsa graues spargunt ora loquentis aquae,
Terribilisque Notus iactat mea dicta precesque...* (vv. 14-15)

*Me miserum! Quanti montes uoluuntur aquarum!
Iam iam tacturos sidera summa putes.* (vv. 19-20)

*Quocumque aspicio, nihil est nisi pontus et aer,
Fluctibus hic tumidus, nubibus ille minax.
Inter utrumque fremunt inmani murmure uenti.* (vv. 23-25)

É evidente que em Ovídio não existe qualquer oráculo e muito menos a força dos deuses que lançam uma maldição sobre o poeta. Porém, nos *Tristia*, se não existe um oráculo, um desejo divino ou uma maldição, existe um imperador — Augusto — que várias vezes identificado com o raio de Júpiter, para castigar Ovídio, por um certo erro cometido, exige que o poeta seja exilado para Tomos. N'Os *Sete Contra Tebas* a descendência de Laio terá de

⁷ Para a tradução em português segui a versão feita por de Maria do Céu Zambujo Fialho no seu estudo *A Nau da Maldição — Estudos sobre Os Sete Contra Tebas de Ésquilo* (Coimbra 1996) 91.

sofrer, para que a cidade seja salva (vv. 742--749), em *Tristia* o poeta terá de ser exilado para que supostamente a honra e poder de Augusto seja reconhecido.

*Parce, precor, fulmenque tuum, fera tela, reconde,
Heu! nimium misero cognita tela mihi. (Tr. 2.1.179-180)*

Se funesta é a sorte de Etéocles na obra esquiliana, assim também é a sorte de Ovídio a quem, quase no final dos *Tristia*, ouvimos pronunciar:

*Nostra per aduersas agitur fortuna procellas
Sorte nec ulla mea tristior esse potest. (Tr. 5.12.5-6)*

E se sobre a casa de Tebas caiu a maldição, também sobre a morada de Ovídio caiu a ruína, naquele dia em que cometeu um erro:

*Illa nostra die, qua me malus abstulit error⁸,
Parua quidem periit, sed sine labe domus,... (Tr. 2.1.109-110)*

Não é a obra ovidiana seguramente uma tragédia à maneira esquiliana, nem Ovídio um dramaturgo, mas um poeta elegíaco. Contextos diferentes, épocas, géneros e literaturas distantes, mas imagens poéticas comuns que, enriquecendo ainda mais a poesia de Ovídio e a própria literatura latina, nos permitem desde logo entender que Ovídio, mais do que continuar a tradição poética, soube dar às imagens novos contornos sobretudo quando as aplicou de igual modo ao campo amoroso e ao exílio.

A presença de palavras como *navis*, *uentus*, *procella*, *unda*, *aqua*, *remus*, *uela*, entre outras, que fazem parte do mesmo campo semântico, são uma constante evidência quer nos *Amores*, quer nos *Tristia*, o que por vezes nos leva a pensar que o exílio descrito nos *Tristia* não é senão uma outra forma de criar poesia, onde a imaginação e a criação poéticas nada têm a ver com a dor real e verídica de quem sofre os horrores do exílio, mas com a veia poética

⁸ Em *Tristia* 2.1.207 Ovídio parece apresentar duas causas para o seu exílio: *Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error*. Acrescenta ainda o poeta in *Tr.* 1.1.57: *ingenio sic fuga parta meo*. Porém permanecerá sempre uma incógnita sobre a verdadeira causa do castigo, pois o próprio poeta desejou que tal segredo morresse consigo. (*Tr.* 1.5.51-52)

de quem não deixa de ser poeta quando apenas sonha ou quando faz da vida real um sonho poético⁹.

Apesar de constituírem os *Tristia* uma obra pertencente à fase já madura de Ovídio e de terem sido as imagens náuticas praticamente tolhidas da poesia amorosa, *i.e.*, dos *Amores*, será a poesia do exílio tomada como ponto de partida para a nossa análise, pois parece-nos que para além de ser nos *Tristia* que as imagens adquirem uma maior maturidade é de igual modo aqui que a identificação entre o poeta e estas afigurações é mais sugestiva.

Ovídio nos *Tristia* ordena ao seu livrinho que vá para Roma, já que aquele exilado em Tomos não pode ir, e adverte-o desde logo que poderá ser criticado e considerado inferior, dado que o poeta não encontrou a serenidade e a tranquilidade desejada em Tomos, mas um tormento que prejudicou a sua poesia.

Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse. (Tr. 1.1.3)

Vai [livrinho]¹⁰, mas desalinhado, como convém a um exilado.

Consciente de que é fruto da criação de um homem exilado, o livrinho terá de espelhar a imagem dolorosa, desmazelada e abandonada de Ovídio.

Mas ao livrinho cabe de igual modo o papel de ter cuidado na forma como se irá apresentar em Roma, tendo de estar atento para saber se será mais conveniente usar os remos ou deixar-se levar pelo vento, pois o poeta, de momento, não sabe qual o melhor meio, já que não conhece as circunstâncias da recepção do livro.

⁹ Cf. Nagle, *The poetics of exile* (Bruxelles 1980) 69-70. Segundo este autor, parece Ovídio exprimir, nas duas obras em análise, uma continuidade manifestada no facto de várias vezes as convenções da poesia amorosa e o seu próprio vocabulário serem colocados ao serviço da poesia do exílio: *exclusus amator* da elegia amorosa converte-se na elegia do exílio no *poeta relegatus*; as *dolores amoris* do poeta enamorado correspondem às *dolores exilii* do poeta exilado e o *Amor pharetratus* é agora substituído pelo *Getas pharetratus*. A imagem da nau e da tempestade ou o uso de vocábulos como *tristis*, *miser* ou *infelix* para designar o estado de alma do poeta ou as palavras *scelus*, *culpa*, *error*, para evidenciar o castigo do exílio, encontramos-las já na poesia amorosa.

¹⁰ Confronte-se a missão do livrinho durante o exílio com a da mensageira na elegia amorosa, em que ambos actuam como transporte de mensagem e de aproximação entre Ovídio e Roma ou a amada. E curiosamente sendo a água um sinal de afastamento em ambas as obras, diríamos que constituem o livrinho e a mensageira dois "botes" que lançados à água estreitam as duas margens do rio.

*Difficile est tamen hinc remis utaris an aura
Dicere: consilium resque locusque dabunt.* (Tr. 1.1.91-92)

Visivelmente mais identificado com a imagem da nave, o livrinho torna-se não apenas na criação poética de Ovídio, mas na própria *imago* do poeta exilado, que ao longo da obra também se identifica, de forma mais ou menos explícita, com a nave que percorre um turbulento caminho para Tomos:

*Quicumque Argolica de classe Capharea fugit
Semper ab Euboicis uela retorquet aquis,
Et mea cumba, semel uasta percussa procella,
Illum, quo laesa est horret adire locum.* (Tr. 1.1.83-86)

Souere quassatae parcite membra ratis. (Tr. 1.2.2)

*Quod faciles opto uentos – quis credere posset?
Sarmatis est tellus quam mea uela petunt;* (Tr. 1.2.81-82)

*Seu me diligitis, tantos compescite fluctus.
Pronaque sint nostrae numina uestra rati;* (Tr. 1.2.87-88)¹¹

Identificado nestes versos com um barco que navega com ventos adversos, Ovídio descreve nos *Tristia* a sua viagem para Tomos e todos os perigos que tivera de enfrentar, nomeadamente uma forte tempestade no Adriático, que o surpreende logo depois da sua saída das costas de Itália, (Tr. 1.2) e uma outra menos forte quando navegava no Iónico (Tr. 1.4), cujas descrições em muito nos fazem recordar as tempestades épicas.

No meio desta procela, Ovídio pede que a sua nau, fortemente golpeada, consiga pelo menos chegar à terra que lhe está destinada, para que aí sofra o castigo imposto (Tr. 1.2.89-90). O poeta prefere que a sua nave seja conduzida por um vento para o porto de Tomos do que sucumbir no mar e servir de alimento aos peixes ou conceder a sua honra ao mar que o recebe (Tr. 1.11.28)¹² tal como aconteceu com Ícaro e o mar de Creta ou com Hele e o mar de Helesponto.

Entre lamentos e súplicas para que a sua punição seja minimizado, a verdade é que Ovídio nunca parece recusar totalmente o castigo imposto,

¹¹ A identificação do poeta com a imagem da nave não se esgota nos exemplos apresentados.

¹² O desejo de não morrer no mar, mas de ser sepultado em terra firme é o desejo de todo o romano e também do próprio grego. Também Eneias (Virg. *Aen.* 1.92-101) se lamentava de não ter morrido em Tróia, mas de se sujeitar a morrer nas águas cruéis do mar.

comprometendo-se mesmo a alcançar a terra destinada (*Tr.* 1.2.83-84) e a assumir o seu erro (*Tr.* 1.2.95-98). Mas por que quer sofrer o castigo, quando várias vezes assegurava que a sua falta não merecia tão grande pena? Esta é certamente uma forma de humildade para tentar aplacar a ira de Augusto. Todavia, a resposta a esta pergunta talvez se encontre nas suas próprias palavras dirigidas à esposa quando afirma:

*Et tua, quod malles, pietas ignota maneret,
Implerent uenti si mea uela sui. (Tr. 5.5.59-60)*

Estes versos reportam-se à cômputo, mas certamente também a si e deste modo considera Ovídio que se não sofresse tais atribuições não conheceria a imortalidade e acabaria no alheamento. Desta forma, sofrer o castigo que lhe estava destinado, numa terra bárbara, onde o poeta, apesar de tantas atribuições, consegue escrever poesia, era só por si uma razão para ser reconhecido e conseguir a perenidade. E o orgulho no seu nome e a certeza da sua imortalidade é visível em algumas palavras, como as que profere em *Tr.* 3.7.49-52:

*Quilibet hanc saeuo uitam mihi finiat ense,
Me tamen extincto fama superstes erit,
Dumque suis uictrix omnem de montibus orbem
Prospiciet domitum Martia Roma, legar.*

Ovídio tem consciência da fama que a Poesia permite alcançar a si, mas também a todos os que lhe são próximos. Nos *Amores* o poeta considera que para a amada melhor recompensa que o dinheiro é ser celebrada nos versos do poeta amante, pois só estes permitem alcançar fama perdurável (cf. 1.3 / 1.15). Porém, nos *Tristia* a glória obtida pela poesia adquire um valor acrescido quando Ovídio faz depender a honra e imortalidade da sua esposa e do seu próprio eu, não somente dos seus versos, mas acima de tudo das circunstâncias desfavoráveis em que estes brotaram.¹³ Mas se a adversidade pode trazer a Ovídio a perpetuidade é também graças a ela que é possível provar a verdadeira amizade. É ao amigo fiel que Ovídio tece um elogio quando diz

¹³ Declara Ovídio em *Tr.* 5.7.37-40: *Nec tamen ut lauder uigilo curamque futuri / Nominis, utilius quod latuisset, ago. / Detineo studiis animum falloque dolores, / Experior curis et dare uerba meis.* É esta aparente despreocupação com o futuro e com o seu próprio nome uma falsa modéstia, pois não é a sua dedicação ao estudo e à poesia senão uma forma muito habilidosa de alcançar a imortalidade através da escrita.

que, enquanto os outros no momento do seu naufrágio se separaram, ele fora o único que o arrancara meio morto das águas Estígias (*Tr.* 5.9.15-19).

É também ao amigo que Ovídio pede para aplacar a cólera intempestiva e não abandonar as velas do poeta no meio do mar (*Tr.* 5.6. 45-46) ou que exora para se esforçar com os remos para que o possa ajudar (*Tr.* 4.5.19-20).

Amizade e imagens poéticas entrelaçam-se para de novo o poeta se identificar com a nau e a sua vida com a tempestade que constantemente o atormenta e golpeia.

Se as imagens náuticas se associam à amizade e obviamente ao poeta atormentado pelo castigo que recebera, estas também traduzem o espírito em que surge a obra poética e tornam-se por vezes na própria imagem dessa mesma criação, como, aliás, já pudemos verificar quando falámos do livrinho que Ovídio envia para Roma em seu nome.

Nos *Tristia* 4.1.7-10 metaforicamente Ovídio considera a criação poética fruto de quem, arrastando-se por uma corrente lenta, bate sem força na água com remos flexíveis.¹⁴ Parece-nos esta afirmação bastante sugestiva e, por isso, de acordo com o cenário marítimo em que a sua poesia se desenvolve, não nos parece ousado fazer a seguinte leitura: os remos flexíveis são a sua arte e engenho poéticos, a água onde a sua nave navega e os seus remos se afadigam é precisamente a sua poesia, aquela que deve ser relevável pelo leitor, dadas as circunstâncias em que surgiu. É que segundo Ovídio:

Carmina secessum scribentis et otia quaerunt:

Me mare, me uenti, me fera iactat hiems.

Carminibus metus omnis abest: ego perditus ensem

Haesurum iugulo iam puto iamque meo. (Tr. 1. 1. 41-44)

Além disso, Ovídio considera ainda a sua criação poética *improba*, por força da tempestade a que está sujeita e que constantemente a cerca. (*Tr.* 1.11.40)

Mas se é a imagem de uma criação poética enfraquecida aquela que Ovídio deixa transparecer nos exemplos apresentados, curiosamente a poesia ovidiana é também capaz de resistir às forças infaustas (*Tr.* 1.11.17-18),

¹⁴ Cf. *Tristia* 4.1.7-10: *Cantat et innitens limosae pronus arenae, / Aduerso tardam qui trahit amne ratem, / Quique refert pariter lentos ad pectora remos, / In numerum pulsa brachia iactat aqua.*

conseguindo florescer mesmo quando no meio da tempestade o piloto da nave, vencido pelo medo, abandona o seu posto para se pôr a rezar¹⁵.

Nos *Amores* também o piloto que guiava a nave que transportava Corina perante a agressividade do mar desiste e abandona o comando do navio (*Am.* 2.11.25). Mas a amada do poeta, essa permanece firme por solicitação do amante, que dirige preces aos ventos para que se tornem favoráveis. Por conseguinte, parece ser o poder do amor e a força consoladora da poesia que permitem ao poeta e a Corina serem mais resistentes do que o próprio piloto, aquele que supostamente conhecendo bem as dificuldades do mar já se teria habituado a elas pela força da experiência.

Ovídio e a sua produção poética suportam efectivamente a adversidade e estão de tal modo unidos, que mesmo quando Ovídio tece maldições sobre os seus poemas depressa reconhece que não pode estar sem eles e, assim como a nave grega sendo alcançada pelas ondas nefastas se atreve ainda a sulcar as ondas de Cafarea, também ele resiste a tudo continuando a dedicar-se à poesia (*Tr.* 5.7.31-36). E ainda que afirme que o seu barco, ferido pela tempestade, se horroriza voltar ao lugar que o maltratou, a verdade é que tal declaração não é mais do que o intensificar do valor do poeta e da sua poesia. Pois maior reconhecimento terá o vencedor, quanto maior for o receio que conseguir ultrapassar.¹⁶

A poesia é a relutância do poeta perante a adversidade, a renitência que lhe possibilita a consolação, assim como alcançar a benevolência de Augusto e, acima de tudo, atingir a imortalidade.

A reacção de Ovídio é assim a própria glorificação do poeta e da sua obra e a satisfação deste pela sua habilidade poética, apesar de várias vezes se desculpar perante o leitor pelo facto da sua poesia não ser louvável, dada as circunstâncias em que surgiu.

¹⁵ Cf. *Tristia* 1.11.21-22: *ipse gubernator tollens ad sidera palmas/ exposcit uotis immemor artis opem*. Consultar Nagle, B.R., op. cit., 150-152.

¹⁶ Ao longo dos *Tristia*, Ovídio exterioriza repetidamente a imensidão da sua dor sempre com o propósito de aplacar a ira do Imperador, mas acima de tudo como forma de enobrecer ainda mais a sua criação poética. Afirmo o poeta no livro 2 dos *Tristia* que não é apenas uma pequena parte do mar que o maltrata, mas todas as ondas do mar se abatem sobre si e acrescenta em *Tr.* 5.2.27-28 que as suas desventuras são tantas quantas as gotas da água do mar Egeu. Para além de toda a conotação trágica que este rio comporta, dado que foi aqui que Ícaro caiu e morreu, a incontabilidade das gotas do mar acentua a dimensão profundamente trágica do poeta já que incontáveis são também as suas desgraças.

Nos *Tristia* o aprazimento é de tal modo evidente, que o poeta se orgulha de, apesar de tanta desgraça, a sua poesia continuar a ser digna de servir de *exemplum* não só para Perila¹⁷, como também para os outros poetas (*Tr.* 3.7.15-30).

Mas será realmente a poesia de Ovídio um bom exemplo para o presente do seu tempo? O poeta considera que apesar de o ter sido no passado não o é no presente; no entanto, sê-lo-á no futuro, pois, segundo Ovídio, a sua fama sobrevirá através da sua obra, e para isso contribuiu o livrinho que mandou para Roma, presença da sua habilidade poética apesar dos infortúnios. É o presente adverso que se estende para o futuro e pretende alcançar, por um lado, a benevolência do Imperador, e, por outro lado, o reconhecimento do poeta na posteridade.

Mas se eventualmente poderá o leitor e o Imperador duvidar do valor dos seus versos presentes, terão pelo menos de reconhecer o mérito da sua poesia (*nau/ratis*) passada, a quem, segundo o poeta, foram dadas grandes velas (*Tr.* 2.1.548-552).¹⁸ E foram de tal modo notáveis estas velas que o poeta sente necessidade de advertir o seu amigo fiel para o facto de ter cuidado com as velas dos seus projectos já que

Lataque plus paruis uela timoris habent. (Tr. 3. 4a. 10)

Admoesta certamente Ovídio o amigo para o cuidado de não fazer obras talentosas porque essas merecem castigos, enquanto as mais pequenas e talvez mais medíocres não. Referindo-se Ovídio ao *carmen* que provocara o seu castigo, o poeta tece desta forma um elogio à sua poesia do passado, associando-lhe a imagem de uma nave com grandes velas.

As imagens náuticas permitem neste momento, por um lado, fazer o elogio da produção poética do presente e conseqüentemente do futuro, pois o

¹⁷ É a elegia 7 dirigida a Perila, ao que parecer ser a enteada de Ovídio. Porém residem algumas dúvidas sobre a verdadeira identidade desta personagem. Cf. José G. Vázquez (Trad. y notas), *Ovidio-Tristes* (Madrid 1996) 155-156.

¹⁸ A fim de engrandecer o seu nome e de aplacar a ira de Augusto, Ovídio aproveita para fazer o louvor de uma outra obra — os *Fasti* — que, tendo o intuito original de ser consagrada a Augusto (*Tr.* 2. 1. 548-552), acabou por ser dedicada a Germânico, sobrinho e filho adoptivo do imperador dada a morte deste em 14 d.C., data antecedente à revisão da obra. Com a referência a esta obra, considera Ovídio que já tivera a sua poesia (*nau/ratis*) grandes velas (*Tr.* 2. 1.549), pois grandiosa só poderia ser uma obra dedicada a um poderoso Imperador.

livrinho, identificado com um barco que deve escolher usar os remos ou as velas, quando chegar a Roma prolongará o nome de Ovídio para o futuro; e, por outro, enaltecer a própria produção do passado, nitidamente identificada com um barco que, possuindo grandes velas, foi a causa do castigo do exílio.

Quer seja à criação poética do passado, do presente ou do futuro, está sempre intimamente associada a imagem da nave e em torno desta uma série de vocábulos que lhe estão relacionados como é o caso de, entre muitos outros, a palavra *aqua*, um termo que aparece ligado não só à “matéria” onde os remos flexíveis do poeta batem, mas também à própria fonte inspiradora, que se pode apresentar fecunda (*Tr.* 3.7.16) ou causa de uma perpétua languidez física (*Tr.* 3.8.23-24).

A água fecunda para o poeta seria aquela que vem da fonte de Pégaso e que aparece também referida nos *Amores* (1.13.29), ou a “água virgem” de Roma, a mais fresca e, por isso, a mais frutífera ou ainda as frescas e ricas águas de Sulmona que nos *Amores* tudo regam e fazem crescer (*Am.* 2.1.1 / 2.16.5 e 7 / 3.15). Estas seriam certamente as águas que melhor dariam de beber à sua criação poética e que melhor fariam crescer a obra ovidiana. Todavia, nos *Tristia* não são nestas que se inspira Ovídio, mas antes nas águas desagradáveis, que constantemente se gelam (*Tr.* 5.10.2) e que estão ensanguentadas pela barbárie dos Getas. (*Tr.* 4.2.37-38). Assim sendo, o engenho e a arte do poeta têm motivos para se encontrarem debilitados, pois, segundo Ovídio, *O barco — cumba — muito tempo fora da água apodrece e quebra-se* (*Tr.* 5.12.27)¹⁹. Refere-se seguramente à necessidade das águas fecundas e salutaras de Roma, dado que a água do presente possui ondas que golpeiam as traves da sua nau (*Tr.* 1.2.47), que assaltam o navio ou que se gelam e se tornam rígidas, bloqueando a nave, e não deixando os seus remos impelir a embarcação: *Inclusaeque gelu stabunt in marmore puppes, / Nec poterit rigidas findere remus aquas* (*Tr.* 3.10.47-48).

¹⁹ O mesmo Ovídio que muitas vezes reiterou que a sua nave (poesia) precisava alcançar um porto seguro pois não resistiria se continuasse a navegar sujeita aos perigos que o mar lhe oferece, afirma agora que o seu barco precisa de estar na água dado que, se assim não for, quebra-se. A água que anteriormente surgira como factor destruidor surge agora como fonte de sobrevivência. Este jogo de oposição, típico na poesia ovidiana, em nada tem de contraditório, mas antes um valor peculiar que terá de ser analisado de acordo com a intenção poética de Ovídio e com os significados que as mesmas palavras podem adquirir em contextos diferentes.

Mas apesar de a nau ovidiana não se encontrar em águas favoráveis, a verdade é que ela conseguiu resistir e o livrinho que o poeta envia para Roma é uma prova evidente dada pelo poeta. Ovídio parece manter sempre presente a ideia de que a sua obra conseguiu enfrentar e afrontar todas as adversidades que o castigo dado por Augusto lhe impôs, numa tentativa de imortalizar e glorificar a sua criação poética e o seu próprio nome.

A nave ovidiana é, como temos visto ao longo desta análise, nos *Tristia*, uma vítima de muitas adversidades. Mas por que as sofre ela? Donde vêm os ventos e todas as ondas do mar que se lançam contra si? Serão isto fenómenos naturais como os que se verificam nas *Metamorfoses* que vitimam Céix e transformam os amantes e esposos — Alcíone e Ceix — em aves? Ou serão estas fráguas provocadas pelos deuses irados, como em Homero ou Virgílio? Esta não é certamente a origem da fúria dos ventos desfavoráveis, das ondas e das águas homicidas ainda que aqui possam ter encontrado inspiração. Em Ovídio a adversidade da tempestade, que se abate sobre a sua nave, tem origem no próprio estado de ânimo do poeta e prende-se, por isso, com os seus próprios problemas pessoais. Porém, os problemas que enfrenta Ovídio e o turbulento estado de alma em que se vê mergulhado fora provocado pela cólera de Augusto que caíra sobre Ovídio como o raio poderoso de Júpiter, imagem várias vezes reiterada para falar no Imperador. Associado o poder e a fúria de Augusto à imagem do raio, é visível que esta imagem e a da tempestade se encontram muito próximas na poesia do exílio, pois é o raio de Júpiter, i.e., a fúria de Augusto que, caindo sobre Ovídio, provoca a tempestade interior do poeta e faz a sua nave, ele próprio, navegar perante tantos perigos e misérias, convertendo-o num naufrago, termo aliás usado pelo próprio poeta para se referir a si em vários momentos (*Tr.* 1.5.36 / *Tr.* 1.6.8).

E se nos *Tristia* a nave inconstante que sofre com a força do mar e das tempestades é a imagem do poeta desterrado, esta mesma imagem fora já na fase inicial da sua produção poética, nos *Amores*, a imagem do poeta enamorado que, empurrado por Cupido para a poesia amorosa, é arrastado pela brisa do amor e levado para a rápida corrente (... *Auferor ut rapida concita puppis aqua* (*Am.* 2.4.8))

Augusto e Cupido surgem numa posição semelhante e, por isso, se nos *Tristia* o raio de Júpiter — o Imperador — tinha sido a causa das tempestades que se levantaram contra a nave — *ratis* — ovidiana (*Tr.* 2.1.109-110), nos

Amores são as setas de Cupido que arrastam o poeta para a brisa inconstante, como se fosse um barco (*carina*), cujo vento repentino o afasta do porto (*Am.* 2.9b.31-34), deixando-o confuso como um *barquinho* (*phaselos*), que empurrado por ventos opostos se divide entre um amor e outro. (*Am.* 2.10.9-10)

É curioso notar que os vocábulos usados por Ovídio, para se referir à imagem da nave, intimamente relacionados consigo próprio (*Ratis*²⁰, *Carina*²¹ e sobretudo *Phaselos*²²) remetem para embarcações pequenas, muito ligeiras, e por isso indefesas quando sujeitas à força da tempestade, e incapazes de se defenderem.

É certamente propositada a utilização que Ovídio fez destes vocábulos e de outros como *puppis* ou *cumba*, que também são comuns às duas obras em análise, como se quisesse intensificar a sua fraqueza perante a grandeza e a força, por um lado, de Augusto, e, por outro de Cupido e da própria Vénus.²³

Mas independentemente do vocabulário usado por Ovídio e o momento em que o utiliza, a verdade é que a imagem da nave é sempre usada para mostrar a confusão, a agitação e as preocupações do poeta e que nos *Amores* parecem ser duplas, já que o poeta afirma sentir-se confuso entre dois amores. Contudo, mesmo assim o poeta prefere viver dominado pelo amor do que viver privado desse sentimento e, por isso, quando morrer deseja que o seu

²⁰ *Ratis, is* significa 'jangada', 'batel', 'vasilha' (cf. F. Gaffiot Dictionnaire Latin-Français)

²¹ *Carina, ae* significa 1- 'As duas partes que constituem as partes da noz'; 2- Querena de um navio que faz lembrar a casca de uma noz'. (F. Gaffiot, *idem*)

²² *Phaselus(os), i* significa 'barco', 'chalupa', canoa', (F. Gaffiot. *idem*) termos que denotam pequenez e fragilidade. Mas se tivermos em conta o significado da palavra grega *φάσηλος*, *ou* verificamos que esta tem um sentido ainda mais restrito e revelador de uma maior fragilidade do que o sentido latino, pois significa, 1- 'vagem', 'feijão em vagem alongada'; 2- chalupa alongada em forma de vagem'.

²³ Curioso seria aprofundar o estudo sobre a utilização dos vários vocábulos para designar a imagem da nave. Nas duas obras em análise a referência à nave é feita através das palavras: *navis*, *carina*, *puppis*, *ratis*, *cumba* e *phaselos*, apenas usado em *Amores*. A palavra *navis* aparece referida mais vezes nos *Tristia* do que nos *Amores*, a qual é usada apenas uma vez quando Ovídio se refere ao barco que transportou Corina na viagem que fez (*Am.* 2.11.50). Assim como a palavra *cumba* 'canoa', 'bote' que aparece também referida uma só vez nesta mesma obra, quando Ovídio pede pelo menos um barquinho (*cumba*) para poder atravessar o rio e encontrar a sua amada (*Am.* 3.6.4).

De facto, é nítida a diversidade de vocábulos para traduzir a imagem da nau, no entanto, é de salientar a preferência de Ovídio por vocábulos que aludam a embarcações ligeiras e frágeis.

derradeiro dia seja como o de um naufrago que morre bebendo com a sua boca as próprias águas removidas pelo seu barco (*Am.* 2.10.34-39).

A imagem do naufrágio adquire nas duas obras perspectivas de certo modo diferentes. Ainda que em ambas o poeta se identifique com um naufrago (*Tr.* 1.6.8 e *Am.* 2.10.34) e a sua vida com um naufrágio, a verdade é que se na elegia amorosa a morte como naufrago lhe provoca prazer, nos *Tristia* esta não a deseja Ovídio, já que a considera miserável (*Tr.* 1.2.51-52)²⁴, dado que morre o inocente nas águas homicidas do desterro.²⁵

Se Ovídio e as imagens náuticas se encontram sempre inteiramente entrelaçados, o poeta enriquece o *corpus* poético estendendo também essas imagens a outras personagens, nomeadamente a Fábica, sua esposa, nos *Tristia* e a Corina nos *Amores*. Corina abandonara o conhecido leito e o lugar comum e dispusera-se a seguir por caminhos enganosos quando resolvera fazer uma viagem de barco, uma viagem que Ovídio receava porque colocava a amada perante as tempestades impetuosas, os ventos violentos e um piloto que, inquieto com os ventos, poderia não dirigir bem o navio. Se nos *Tristia* o poeta pedirá para si ventos favoráveis e o encontro com um porto seguro e tranquilo, agora é para a sua amada que ele deseja tudo isto (*Am.* 2.11.36 sg), para que depressa os dois possam estar juntos a recordar toda aquela viagem e os perigos que Corina passou e os quais tão bem enfrentou porque tinha Ovídio no seu pensamento (*Am.* 2.2.36-42).

Mas se nos *Amores* a nau parece ser apenas o meio de transporte da amada e a imagem de um amor que se afasta correndo o risco de se perder na água, nos *Tristia* a nave é a própria *imago* da esposa. Ovídio deseja que a sua esposa, uma nave que fora sacudida por uma violenta tempestade, fruto do desgosto causado pelo exílio do seu esposo, navegue agora, no dia do seu aniversário, por um mar tranquilo, desfrutando da sua casa, da sua filha, da sua pátria e gozando da vida e dos anos que ainda tem pela frente (*Tr.* 5.5.18-20).

²⁴ A morte como naufrago é considerada um desrespeito para o romano, que deseja morrer em terra firme. Por isso, Ovídio não pretende servir de pasto para os peixes do mar. (*Tr.* 1.2.56)

²⁵ As perspectivas e os sentimentos que envolvem a imagem do naufrago são diferentes nas duas obras, mas a usada nos *Amores* 2.10.34-39 é posteriormente reiterada nos *Tristia* 1.2.35-36, quando Ovídio afirma: *Opprimet hanc animam fluctus frustra que precanti/ Ore necaturas accipiemus aquas.*

Para ambas as amadas pede Ovídio um vento favorável e um porto seguro, mas se nos *Amores* há a esperança do reencontro breve para os amantes, nos *Tristia* o tom triste e resignado das palavras do poeta não parecem acreditar no reencontro, mas apenas na imortalidade que o amor da sua esposa alcançará pelas adversidades por que passou. Corina em *Amores* também poderá alcançar a perenidade e a fama através da poesia de Ovídio, no entanto, se na elegia amorosa o poeta proporcionará a glória da amada motivado por um tópico trivial, a sua beleza, na poesia do exílio existe um agente moral, *i.e.*, será a lealdade da sua esposa que lhe proporcionará a imortalidade, tal como a proporcionou a Penélope e a outras figuras mitológicas, que no meio de tanta adversidade foram sempre fiéis aos seus esposos.

Quando Ovídio lamenta a viagem de Corina, começa desde logo por maldizer o mar, a navegação e sobretudo a Nau de Argos²⁶, a que, segundo a tradição, pela primeira vez cruzou os mares e que por desejo do poeta, se tivesse naufragado teria feito com que nada mais removesse com os seus remos os mares.

A nau de Argos é nos *Amores* responsabilizada pelo afastamento da amada e pela preocupação do poeta (*Am.* 2.11.5-10). Mas não é apenas na elegia amorosa que esta nau aparece referida com uma carga negativa. Também nos *Tristia*, de uma forma menos explícita, a presença dela não é bem vinda.

Em *Tr.* 3.9, tal como outros autores antigos já o tinham feito, Ovídio associa o nome da cidade de Tomos, lugar do seu exílio, à navegação dos Argonautas e obviamente à nau que os transportava a eles e também à ímpia Medeia, que matara o seu irmão Absisto e cortando os seus membros os espalhara para atrasar o seu pai na perseguição que fazia aos Argonautas (*Tr.* 3.9.5-34)²⁷.

Ligado etimologicamente Tomos à raiz grega τομ- 'cortar' e primitivamente relacionada com um acontecimento trágico e horrendo, desejava Ovídio

²⁶ A referência à Nau de Argos é um *topos* bastante reiterado na Literatura Clássica, com particular destaque para a elegia, pelo que não sendo uma novidade em Ovídio merece destaque pelas similitudes que adquire nas duas obras em análise e pela responsabilidade que assume nas involuntárias viagens realizadas pelo poeta.

²⁷ Ver *Argonautas* in Pierre Grimal. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Tradução de Victor Jabouille (Lisboa [s/d]).

que a nau de Argos nunca tivesse atravessado as águas ou que tivesse naufragado imediatamente. Mas por que é que tece o poeta este desejo?

Será que Ovídio pensava que se a nau se tivesse afundado assim que tocou pela primeira vez as águas, a fundação de Tomos já não seria possível e Ovídio certamente já não poderia estar exilado naquela terra? Ou estaria Ovídio preocupado em apresentar a etimologia do nome Tomos, mostrando que o seu nome e a sua origem estão intimamente relacionados com um episódio desumano como desumana e bárbara é a cidade que se apresenta a Ovídio e o próprio castigo imposto?²⁸

Pensamos que nos *Tristia* a referência à Nau de Argos e a sua aproximação com a etimologia da palavra Tomos possui a mesma carga negativa que tinha na elegia amorosa e constitui uma nova maldição a esta nave que abriu caminho à navegação e que, tendo sido já a causa do afastamento da sua amada, é agora também a motivadora do afastamento do poeta da sua pátria, não deixando também de ser a causa da fundação de Tomos.²⁹

Mas como infelizmente o presente não tem capacidade para mudar o passado, a única certeza que fica é que as referidas viagens que puseram em perigo Ovídio foram intensamente sofridas: na descrição da viagem marítima que Ovídio teve de fazer até Tomos, várias vezes as ondas do mar se agitam e golpeiam as traves da sua nave (*Tr.* 1.2.47-49), as águas se tornam homicidas (*Tr.* 1.2.36) e o mar hostil (*Tr.* 1.11.27-28), por isso, a imagem do mar torna-se nesta obra ovidiana numa afiguração negativa que constantemente cerca a nave de Ovídio e se precipita ferozmente sobre ela (*Tr.* 1.2.14). Além disso, é também o mar que marca a distância entre Tomos e Roma. É ao porto que Ovídio corre quando sabe que chegam marinheiros, para conseguir notícias de Roma e foi pelo mar que o seu livrinho fez a viagem para Roma. É portanto o

²⁸ Certamente com um propósito bem definido, o poema 9 do livro 3 dos *Tristia* aparece colocado entre um poema em que Ovídio recorda saudosamente Roma, cuja descrição contrasta bastante com a terra onde se encontra, que lhe traduz um contínua languidez e é a origem de todo o seu mal (*Tr.* 3. 8.24-29) e outro poema em que a assombrosa descrição da paisagem invernal de Tomos confirma a barbárie desta terra onde tudo se gela e nada parece ter vida ou movimento (*Tr.* 3.10.37-38 / 47-49 / 70-72).

²⁹ A riqueza ovidiana emerge, em grande parte, da capacidade que o poeta tem de transpor para a elegia determinados antecedentes literários. No caso da Nau de Argos e da tragicidade que a figura de Medeia comporta é impossível não relembrarmos a *Medeia* de Eurípides, que certamente não fora indiferente a Ovídio, no momento de captar a atenção do leitor (e obviamente de Augusto) e de o fazer comungar da sua dor de homem exilado e sofredor.

mar e as suas águas que marcam a distância e afastam o poeta da sua pátria amada, como também fora nos *Amores* o rio e as suas águas que afastaram o poeta da sua amante.

Nos *Amores*, o poeta responsabiliza o rio torrencial por ser um obstáculo que o separa da sua dona e suplica a esse mesmo rio que diminua o seu caudal, para que seja mais fácil a sua passagem, pois, segundo Ovídio, *Flumina deberent iuvenes in amore iuuare; / Flumina senserunt ipsa quid esset amor* (*Am.* 3.6.23-24). Nos *Tristia* é reiterado o pedido formulado nos *Amores*, já que Ovídio clama que seja subtraído um pouco de água do imenso mar em que se encontra (*Tr.* 5.2.19-20). Todavia, adquirem aqui as suas palavras um valor mais profundo, pois não tornará a diminuição de água apenas menos penosa a distância entre Ovídio e Roma, nem facilitará a difícil viagem até Tomos, mas antes lhe permitirá abrandar um pouco a sua agonia, dado que o imenso mar em que navega é o seu próprio doloroso estado de alma.

Em suma, o mar e o rio convertem-se, acima de tudo, na imagem da separação e da distância entre o poeta e aquilo que ele ama: Corina e Roma³⁰.

Quanto a Ovídio, deixando várias vezes transparecer a ideia de que é uma nave resistente às adversidades e às dificuldades que surgem no meio das correntes, para onde é empurrado, este não passa de um barquinho frágil que só consegue resistir a tudo isto porque tem a poesia como sua companheira. Desta forma, a sua criação poética converte-se numa força consoladora, mas também na personificação das suas súplicas e acima de tudo num meio capaz de immortalizar o nome do poeta.

Nos *Amores*, no final da relação amorosa pronuncia Ovídio

*Iam mea uotiua puppis redimita corona
Lenta tumescentes aequoris audit aquas.* (*Am.* 3.11.29-30)

E nos *Tristia* é também com uma imagem calma e apaziguadora da nau que o poeta termina o texto:

Vela damus, quamuis remige nauis eat. (*Tr.* 5.14.44)

³⁰ O mar e a água em si têm na literatura clássica uma representação poética bastante marcada, até porque desde o mundo clássico que tais elementos adquirem uma determinada importância na vida material e espiritual do homem. Fonte de vida e morte, o seu perene movimento é também símbolo de perpétuo movimento cósmico. Cf. Pestilli, Donatella, "Note sulla rappresentazione del mare e delle acque nella letteratura latina", *Annali della facoltà di lettere e filosofia* (Bari 1999) 129-149.

Pode não ter terminado a dor do poeta, mas a sua nave, essa não se quebra, antes se coroa para, indiferente aos apelos do amor, prosseguir o seu caminho ou não abandonando as velas navegar agora orientada apenas pela força dos seus "remos poéticos". No final de ambas as obras não há uma atitude de resignação ou abandono, mas a vontade de prosseguir orientado pelas sua própria razão e não por factores alheios. Nos *Amores* continua o poeta a ouvir os apelos do amor, porém já não o inquietam os seus rumores; nos *Tristia* o poeta abandona as velas que sempre foram guiadas pela tempestade adversa, ainda que os remos (*quamuis* v. 44) continuem a guiar o barco.

Assim sendo, a sua poesia são os próprios remos que continuam dentro de água e é ela também a coroa votiva que adornando a nave do poeta a rejubila e lhe dá força para continuar a navegar.

Poeta épico? Homem com uma profunda dimensão trágica? Ou apenas o poeta que no meio da sua tempestade interna e arrastado pelas rápidas correntes do seu estado de alma navegou à procura da verdadeira poesia?

* * * * *

Resumo: Cronológica e tematicamente afastados, os *Amores* e os *Tristia* de Ovidio comungam de uma mesma riqueza poética que assenta no uso de imagens náuticas. A nau, a tempestade e os ventos são algumas das imagens que reflectem o estado de alma e a vivência de um poeta que fez da poesia a sua principal companhia.

Palavras-chave: Ovidio, elegia, imagens náuticas, literatura latina, *Amores*, *Tristia*.

Resumen: Cronológica y temáticamente lejanos, los *Amores* y los *Tristia* de Ovidio comparten la misma riqueza poética que se apoya en el uso de las imágenes náuticas. La nave, la tempestad y los vientos son algunas de las imágenes que reflejan el estado del alma y la vivencia de un poeta que hizo de la poesía su principal compañía.

Palabras clave: Ovidio; elegía; imágenes náuticas; literatura latina; *Amores*; *Tristia*.

Résumé: Bien que chronologiquement et thématiquement éloignés, les *Amours* et les *Tristes* d'Ovide partagent une même richesse poétique reposant essentiellement sur l'usage d'images nautiques. La nef, la tempête et les vents sont donc quelques-unes des images qui reflètent l'état d'âme et l'expérience de vie d'un poète dont la poésie fut sa principale compagnie.

Mots-clé: Ovide, élégie, images nautiques, littérature latine, *Amours*, *Tristes*.